

São Paulo, 4 de outubro de 2018

NOTA À IMPRENSA

## **Preço da cesta básica apresenta comportamento diversificado nas capitais**

O preço do conjunto de alimentos essenciais caiu em 10 das 18 cidades onde o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) realiza a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos. As reduções mais expressivas foram registradas em Goiânia (-2,31%), Recife (-2,17%) e João Pessoa (-1,94%). Em São Paulo, o valor da cesta não variou. Foram registradas altas em sete capitais, com destaque para a taxa de Campo Grande (5,24%) e Salvador (1,26%).

A cesta mais cara foi a de Florianópolis (R\$ 435,47), seguida pela de São Paulo (R\$ 432,83), Porto Alegre (R\$ 423,01) e Rio de Janeiro (R\$ 418,48)<sup>1</sup>. Os menores valores médios foram observados em Salvador (R\$ 315,86) e São Luís (R\$ 324,04).

Em 12 meses, entre setembro de 2017 e 2018, os preços médios da cesta caíram em nove cidades, com destaque para Goiânia (-5,06%), São Luís (-4,24%) e Porto Alegre (-3,13%). Nas outras nove capitais, os valores médios aumentaram. As maiores altas foram as de Campo Grande (6,83%) e Florianópolis (3,89%).

Em 2018, nove capitais acumularam taxa negativa, com destaque para São Luís (-3,02%), Goiânia (-1,83%) e Porto Alegre (-0,87%); outras nove tiveram aumento, com variações entre 0,18%, em Recife, e 4,78%, em Campo Grande.

Com base na cesta mais cara, que, em setembro, foi a de Florianópolis, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em setembro de 2018, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria equivaler a R\$ 3.658,39, ou 3,83 vezes o salário mínimo nacional, de R\$ 954,00. Em agosto, tinha sido

<sup>1</sup> O decreto lei 399 de 30 de abril de 1938 estipula as quantidades da cesta e diferencia as quantidades e produtos por grupos de região, conforme a metodologia da cesta, disponível em <https://www.dieese.org.br/metodologia/metodologiaCestaBasica2016.pdf>.

calculado em R\$ 3.636,04, ou 3,81 vezes o piso mínimo do país. Em setembro de 2017, o mínimo necessário era equivalente a R\$ 3.668,55, ou 3,92 vezes o salário mínimo nacional daquele ano, correspondente a R\$ 937,00.

**TABELA 1**  
**Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos**  
**Custo e variação da cesta básica em 18 capitais**  
**Brasil – setembro de 2018**

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
Florianópolis	435,47	0,97	49,62	100h25m	4,03	3,89
São Paulo	432,83	0,00	49,32	99h49m	2,00	2,81
Porto Alegre	423,01	0,76	48,20	97h33m	-0,87	-3,13
Rio de Janeiro	418,48	0,34	47,68	96h30m	-0,05	2,00
Vitória	395,64	-0,02	45,08	91h14m	2,71	0,99
Brasília	390,14	1,17	44,45	89h58m	2,73	1,86
Curitiba	387,39	-0,45	44,14	89h20m	3,32	2,90
Campo Grande	383,77	5,24	43,73	88h30m	4,78	6,83
Fortaleza	367,14	-1,54	41,83	84h40m	-0,08	-0,90
Belém	359,51	-0,22	40,96	82h55m	0,80	-2,81
Belo Horizonte	358,83	0,25	40,88	82h45m	-0,77	-0,83
Goiânia	354,11	-2,31	40,35	81h40m	-1,83	-5,06
Aracaju	342,34	-0,75	39,01	78h57m	0,68	-0,53
Recife	332,75	-2,17	37,91	76h44m	0,18	1,25
Natal	330,30	-1,58	37,63	76h10m	-0,27	1,98
João Pessoa	328,99	-1,94	37,48	75h52m	-0,16	-1,75
São Luís	324,04	-1,63	36,92	74h44m	-3,02	-4,24
Salvador	315,86	1,26	35,99	72h50m	-0,25	-0,84

Fonte: DIEESE

Obs.: A partir de setembro de 2018 deixamos de calcular a cesta em Manaus e Cuiabá

## Cesta básica x salário mínimo

Em setembro de 2018, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 85 horas e 35 minutos. Em agosto de 2018, ficou em 85 horas e 43 minutos, e, em setembro de 2017, em 86 horas e 32 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso

nacional comprometeu, em setembro, 42,29% do salário mínimo líquido para adquirir os mesmos produtos que, em agosto, demandavam 42,34% e, em setembro de 2017, 42,75%.

## Comportamento dos preços<sup>2</sup>

Entre agosto e setembro de 2018, os preços da batata (coletada na região Centro-Sul), do leite integral, tomate e açúcar apresentaram queda. Já farinha de trigo (pesquisada na região Centro-Sul), arroz agulhinha e pão francês tiveram alta.

O preço da batata, pesquisada na região Centro-Sul, caiu em quase todas as cidades, exceto em Campo Grande (0,65%). Destacam-se as reduções registradas em Florianópolis (-28,97%), Porto Alegre (-17,08%) e Goiânia (-15,70%). Em 12 meses, as altas acumuladas foram observadas em Florianópolis (7,29%) e Belo Horizonte (3,23%). As retrações mais expressivas ocorreram em Vitória (-17,21%) e Campo Grande (-14,92%). A intensificação da colheita elevou o volume do tubérculo e reduziu o preço no varejo.

Houve queda nos valores do leite integral em 12 capitais, em setembro, com variações entre -9,09%, em Porto Alegre, e -0,23%, em Natal. O preço médio não variou em Recife e aumentou em Brasília (0,22%), João Pessoa (0,48%), Aracaju (2,06%), Salvador (3,31%) e Goiânia (3,94%). Em 12 meses, todas as capitais tiveram aumento, que oscilaram entre 6,42%, em Belém, e 32,68%, em Campo Grande. A fraca demanda por leite e o aumento da oferta reduziram o preço no varejo.

O valor do quilo do tomate também teve redução em 12 cidades. As variações foram de -12,80%, em Recife, a -1,96%, em Curitiba. As altas ocorreram em Salvador (1,23%), Brasília (4,64%), Rio de Janeiro (5,92%), Porto Alegre (10,50%), Florianópolis (11,90%) e Campo Grande (19,71%). Em 12 meses, apenas Brasília (6,55%), Florianópolis (11,02%), Recife (16,73%) e Natal (21,54%) mostraram elevação. As demais cidades apresentaram queda, entre -34,05%, em Vitória, e -0,40%, em Salvador. A menor oferta e as chuvas impactaram na qualidade e no volume ofertado, no entanto, o preço diminuiu no varejo.

Outro item com diminuição de preço em 12 cidades foi o açúcar. As principais quedas ocorreram em Florianópolis (-5,38%) e João Pessoa (-5,09%). Em Salvador, o preço

---

<sup>2</sup> Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

médio do produto não variou e em outras cinco capitais houve alta - a mais expressiva ocorreu em Belo Horizonte (2,86%). Em 12 meses, todas as cidades tiveram retração acumulada, com destaque para as taxas de Brasília (-24,90%), Salvador (-22,66%) e Aracaju (-22,05%). O dólar valorizado contribuiu para a alta do preço do açúcar exportado. Internamente, apesar da menor oferta, os preços no varejo seguiram em baixa.

A farinha de trigo, pesquisada na região Centro-Sul do país, mostrou alta em quase todas as capitais, menos em Curitiba (-2,26%). As elevações oscilaram entre 1,32%, em Porto Alegre, e 10,40%, em Vitória. Em 12 meses, o produto teve elevação acumulada em todas as capitais, com destaque para as taxas de Vitória (38,99%), São Paulo (26,91%) e Campo Grande (21,07%). A valorização do dólar encareceu o trigo importado. Além disso, houve redução de área cultivada no Brasil em relação a 2017. Por isso, a farinha esteve mais cara no varejo.

O preço médio do arroz agulhinha aumentou em 15 cidades, ficou estável em Belém e Vitória e diminuiu em Natal (-0,38%). As maiores elevações ocorreram em Belo Horizonte (13,82%) e Florianópolis (13,96%). Em 12 meses, o preço do produto acumulou alta em 14 capitais, com destaque para Belo Horizonte (12,19%) e Florianópolis (9,35%). As quedas foram registradas em Goiânia (-5,30%), Salvador (-2,20%), Aracaju (-1,20%) e Porto Alegre (-0,73%). A maior demanda por parte das indústrias e a pressão dos produtores para elevação do preço fizeram com que o valor do arroz aumentasse nos supermercados das capitais.

O preço médio do quilo do pão francês subiu em 12 cidades entre agosto e setembro, impulsionado pela elevação do valor da farinha de trigo. As maiores taxas foram anotadas em Belém (8,45%), Belo Horizonte (3,38%) e Florianópolis (3,03%). As diminuições mais expressivas ocorreram em Salvador (-2,48%) e João Pessoa (-1,03%). Em 12 meses, o preço do pão francês subiu em 17 capitais, com altas acumuladas entre 0,11%, em Salvador, e 11,16%, em Campo Grande. Já a queda foi registrada em São Luís (-0,96%).

## **São Paulo**

No município de São Paulo, o custo do conjunto dos alimentos básicos praticamente não variou em relação a agosto e totalizou R\$ 432,83. Foi o segundo maior

valor entre as 18 capitais pesquisadas. Em 12 meses, a variação anual foi de 2,81% e, nos nove meses de 2018, de 2,00%.

Entre agosto e setembro de 2018, seis produtos tiveram redução nos preços: batata (-8,14%), tomate (-5,31%), leite integral (-4,15%), açúcar refinado (-1,67%), manteiga (-1,15%) e óleo de soja (-0,30%). O feijão carioca não apresentou alteração de valor. A pesquisa captou alta para outros seis itens: pão francês (1,23%), carne bovina de primeira (1,71%), café em pó (2,42%), banana (2,63%), arroz agulhinha (2,67%) e farinha de trigo (5,99%).

Em 12 meses, oito produtos apresentaram elevação acumulada de preços: banana (1,03%), óleo de soja (1,20%), carne bovina de primeira (2,52%), arroz agulhinha (5,48%), manteiga (6,83%), pão francês (9,32%), leite integral (21,86%) e farinha de trigo (26,91%). Os valores de outros cinco itens tiveram queda: feijão carioca (-11,73%), açúcar refinado (-8,88%), tomate (-8,84%), café em pó (-5,76%) e batata (-5,24%).

O trabalhador paulistano cuja remuneração equivale ao salário mínimo precisou cumprir jornada de trabalho, em setembro, de 99 horas e 49 minutos, igual à de agosto. Em setembro de 2017, a jornada era de 98 horas e 51 minutos.

Em setembro de 2018, o custo da cesta em São Paulo comprometeu 49,32% do salário mínimo líquido (após os descontos previdenciários). Em agosto, o percentual exigido era semelhante, 49,31% e, em setembro de 2017, de 48,84%.